

DÉCIMO-PRIMEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: 1 REIS 19.1-8

1. Nota introdutória

Geralmente eu começava pela análise mais ampla das quatro leituras do Domingo para definir o tema teológico principal do fim de semana. Às vezes esse exercício é fácil e, claro, outras vezes exige um pouco mais de estudo e atenção para se perceber a conexão temática e teológica entre as leituras.

Para este recurso homilético, a proposta é inverter a ordem e começar pelo texto bíblico escolhido para ser aprofundado e que poderá servir como base para a mensagem e, depois, tentar encontrar um tema que permeie as outras três leituras. Foi interessante essa inversão, pois a primeira lente que coloquei na leitura dos textos bíblicos, não foi a ideia das leituras do Domingo nos fornecendo o tema principal do culto, mas um texto da palavra de Deus em particular nos indicando qual a ênfase das quatro leituras. Talvez, no final, o resultado nem mude tanto, mas foi interessante e, arrisco a dizer, mais claro e, quem sabe, a gente seja mais fiel ao texto bíblico.

2. O texto de 1 Reis 19.1-8

A narrativa de Elias debaixo de um zimbro foi resultado da ameaça de Jezabel de que ela faria pior do que ele tinha feito com os profetas de Baal. Elias quis salvar sua vida e foi se isolar debaixo de um pé de zimbro. Lá, ele disse que não aguentava mais e pediu para morrer. Ele acabou adormecendo e um anjo do Senhor o tocou para que ele acordasse e pudesse se alimentar. Ele olhou e tinha de fato comida e água para ele.

Ele se alimentou e foi se deitar novamente. O anjo do Senhor voltou e fez a mesma coisa. Elias se levantou de novo para se alimentar a segunda vez e depois pegou a estrada para o Monte Horebe, o monte de Deus, caminhando durante quarenta dias e quarenta noites.

Narrativa bíblica: verdades sobre Deus e verdades sobre os seres humanos

O gênero literário que domina 1 e 2 Reis é a narrativa. Por esta razão, a exposição teológica primária do texto é indireta através das histórias individuais ou coletivas do povo de Deus e não através de exortações ou ensinamentos claros.

É importante observar que existem três níveis na narrativa. A “metanarrativa” ou o plano universal da salvação (criação, queda, pecado, redenção); a história de um povo redimido (antiga aliança e a nova aliança – o chamado de Abraão, Egito, libertação, Igreja Cristã) e num primeiro nível, as narrativas individuais, que são centenas, e nas quais se inclui o episódio de Elias. É interessante isto, porque Elias pensou que tinha acabado tudo, olhando apenas para si, pois não se deu conta, nem poderia ter se dado conta, que paralelo à história dele, havia outras “duas histórias”: a história da salvação através do povo de Israel e da qual Elias era profeta.

Isto poderia se ilustrar num episódio em Atos dos Apóstolos. Depois de Pedro e João terem sido soltos da prisão, a igreja se reuniu em oração para expressar que essa perseguição não foi contra as pessoas, mas contra o próprio Jesus (**Atos 4.23-31**).

Sobre a interpretação das narrativas bíblicas, como a de Elias, é bom ter em mente que elas expressam verdades sobre Deus e como ele age com os indivíduos e com os seus propósitos de salvação e, verdades sobre o ser humano, como ele reage em determinadas situações, suas fraquezas e virtudes.

Na narrativa de Elias é possível ver que Deus trata a todos com misericórdia, de forma especial a Elias e conduz a história de todos e dos seus propósitos salvadores. Deus também exige exclusividade como fonte de confiança (Primeira palavra do Decálogo), embora haja exceções especiais como em **2 Reis 17.29-33**, quando Deus “admitiu” que nações mantivessem seus deuses, adorando também o SENHOR. “E assim eles adoravam o Senhor e, ao mesmo tempo, serviam os seus próprios deuses, segundo o costume das nações do meio das quais tinham sido trazidos” (**2 Reis 17.33**). Deus admitiu, mas não consentiu, pois só ele pode libertar e salvar.

Sobre as verdades sobre o ser humano, neste episódio de Elias dá para perceber que as pessoas vacilam em sua fé, não veem perspectivas em sua vida, precisam ser animadas e mesmo que não percebam, elas são acompanhadas por Deus e sua história é dirigida pelo Senhor.

O contexto do livro de 1 e 2 Reis

Os livros de 1 e 2 Reis fornecem uma interpretação teológica da história da monarquia israelita desde a morte do Rei Davi até ao fim da própria monarquia. Embora alguns capítulos contenham registos administrativos (**1 Reis 4**), descrições de edifícios (cap. 6-7), rituais (cap. 8), e profecias e orações (**2 Reis 19**), os principais temas teológicos estão por detrás das narrativas. Narrativas dizem respeito à natureza de Deus e à sua relação com o seu povo, incluindo assuntos como o senhorio de Deus e a responsabilidade humana, julgamento, aliança, culto a Deus.

O mais importante nos livros dos Reis é o reinado do único Deus de Israel. Juntamente com isto ocorre uma prática do povo de Deus, que se afasta dele para adorar outros deuses. Os centros de contraste entre o único Deus verdadeiro de Israel e os outros deuses das nações aparecem em **1 Reis 11 e 18 e 2 Reis 17**. Em **1 Reis 11**, Salomão atinge o ponto baixo do seu reinado. Diversas situações de vida do rei o induzem a deixar a sua devoção ao Deus que lhe tinha dado o seu poder, e desviam-no para a adoração de outros deuses. Isto traz consigo o julgamento divino: a divisão do reino (**1 Reis 12**).

Alguns dos membros mais antigos dessa época de divisão podem ainda ter estado vivos quando Elias desafiou o culto em massa de Baal por Jezabel e Acabe (**1 Reis 18**). A vitória absoluta do Deus de Israel sobre Baal na “disputa” e a subsequente execução de todos os sacerdotes de Baal, demonstraram a natureza intransigente da exigência de Deus de adoração exclusiva por parte do seu povo

A grande declaração final da soberania de Deus é a de **2 Reis 17**, quando o autor escrever sobre a queda do Reino do Norte (722 a.C.) “No nono ano do reinado de Oseias, o rei da Assíria conquistou Samaria e levou os israelitas para a Assíria. Ele os fez habitar em Hala, junto a Habor, rio de Gozã, e nas cidades dos medos. Isso aconteceu porque os filhos de Israel pecaram contra o Senhor, seu Deus, que os tirou da terra do Egito e os livrou do poder de Faraó, rei do Egito; e temeram outros deuses” (**2 Reis 17.6,7**).

Essa prática contrasta com a disposição de reis do Sul, como Ezequias e Josias, que em diferentes formas procuraram abolir a idolatria. No entanto, a preponderância de reis no Sul tolerou a adoração de outras divindades e, por vezes, até a apoiou. Assim, mesmo a retidão de Josias foi incapaz de impedir o julgamento de Deus para a adoração de outras divindades, como anunciado pela sua profetisa [Hulda] (**2 Reis 22.17**).

O colapso do Reino do Norte demonstra o fracasso em não adorar e confiar unicamente em Deus, enquanto a sobrevivência de Judá mostra como a fé em Deus pode trazer milagres inesperados.

Também mostra a teologia de Deus como um só, e de todo o poder, tendo soberania absoluta sobre todas as nações do mundo. Esse poder foi capaz de pôr de joelhos a maior nação da época, a Assíria.

A majestade de Deus torna-se digna da maior das estruturas que os mais ricos dos reis podem construir, o templo (**1 Reis 6-7**). A oração de dedicação ao templo de Salomão estabelece outro princípio teológico fundamental do trato de Deus com o seu povo e os seus reis: Em **1 Reis 8.22-53** Salomão ora a Deus para que a nação possa receber perdão quando pecar.

A busca precoce de Salomão pela sabedoria de Deus (**1 Reis 3**), organização do seu reino e palácio (cap. 4; 7.1-12), e sobretudo a sua construção e dedicação do templo de Yahweh (cap. 5-6; 7.13-9.9), indica um rei em obediência à vontade divina, levando o seu povo a uma grande prosperidade e devoção a Deus.

Contudo, o seu sucesso com outras nações, e os consequentes casamentos diplomáticos, comprometem a sua fé e conduzem a profecias de julgamento (**1 Rs 11.1-13**). Assim, a mistura de alguma fidelidade com a apostasia, característica do reinado de Salomão e do início do livro, antecipa a história da monarquia.

Ao contrário dos profetas anteriores e especialmente dos posteriores, Elias e Eliseu, juntamente com outros da sua geração, são dotados de capacidades espantosas para fazer milagres que complementam as suas mensagens verbais. Os seus milagres proporcionam mais frequentemente vida àqueles a quem ministram. Isto poderia incluir o fornecimento miraculoso de alimentos.

Em **1 Reis 17**, onde ele aparece pela primeira vez, ele é mantido vivo pelos corvos que o alimentam. No mesmo capítulo, preserva viva a viúva de Sarepta em Sidon e ressuscita o seu filho da morte. Veja a relação com João 6, cujo contexto indica a provisão de comida e de ressurreição por parte de Jesus.

Esses milagres seriam repetidos uma e outra vez por Elias e outros profetas que representam sinais vivos do poder de Deus para a vida. De fato, mesmo na morte, o corpo do profeta pode permanecer uma fonte de vida para os outros (**2 Reis 13.21**).

O acontecimento mais conhecido de Elias é o seu desafio dos profetas de Baal (**1 Reis 18**). Deus providencia sinais através dos seus profetas. Para aqueles que acreditam e respondem, estes sinais dão vida. Para aqueles que rejeitam os sinais e se afastam de Deus, eles levam à morte. As vidas dos profetas e do povo com quem lidam, reis e povo em geral, ilustram o amor de Deus por todas as pessoas (mesmo fora de Israel, como em Sarepta) e a resposta com fé pessoal.

Uma e outra vez, os milagres que Jesus realiza são antecipados pelas obras dos profetas nos livros dos Reis. Além disso, Elias ministrou em Sidon, fora de Israel, e Eliseu ajudou Naamã, o sírio, sendo estes episódios uma antecipação da missão de Jesus aos gentios (**Lc 4.25-27**).

1 Reis começa com Davi perto da morte. Como destinatário da promessa de domínio perpétuo em Jerusalém para a sua dinastia (**2 Sm 7**), a sucessão é crucial. O estabelecimento de Salomão em meio a dificuldades (morte de Davi, Adonias usurpou o trono, divisão do reino), demonstra que a promessa de Deus está segura. O colapso do Reino do Norte e depois do Reino do Sul, tal como descrito em pormenor no final dos Reis, levanta o espectro da não continuação da linha, ou da não continuação da metanarrativa (história da salvação) e da história do povo de Deus.

Devido aos pecados do povo, nem mesmo a justiça de reis como Ezequias e Josias pode salvar o reino (**2 Reis 20.16-19; 23.25-27**). No entanto, como com Salomão, Roboão e Joás, permanece um herdeiro da linhagem de Davi. O livro conclui com Joaquim vivo e bem exilado na Babilônia. Assim, tanto a esperança como o ungido de Deus permanecem e podem ser encontrados em todos os livros de Reis. A promessa do Messias não está perdida.

Delimitação do texto e contexto literário

ELIAS ORA PARA QUE CHOVA (1 Reis 18.41-46): Elias subiu no Monte Carmelo para orar e depois de sete vezes, uma nuvem do tamanho da palma da mão de um homem, gerou uma tempestade e grande chuva.

ELIAS SENTADO DEBAIXO DE UM “ZIMBRO” (1 Reis 19.1-8): Os milagres provindos da mão de Deus através de Elias (1 Rs 17 e 18), despertaram inimigos, como Jezabel, que ameaçou matá-lo. Elias ficou deprimido, sentou-se debaixo de uma árvore e pediu para morrer. Um anjo é o agente do Senhor para ele se reanimar e seguir, de forma particular ao Monte Horebe.

ELIAS NO MONTE HOREBE (1 Reis 19.9-18): Elias reagiu, se alimentou e depois de quarenta dias chegou ao Monte Horebe. Lá, Elias abre seu coração e diz que ele ficou sozinho. Porém, lá ele vê quatro cenas diante do Monte. Na primeira, um vento forte, que arrebenta as pedras. Na segunda cena Elias vê um terremoto e na terceira um fogo. O Senhor não estava em nenhuma destas manifestações. Deus estava no vento tranquilo, para dizer para Elias que ele não estava sozinho e que Deus tinha conservado sete mil pessoas que não deixaram de confiar em Deus.

Análise do texto

v.1: Acabe contou a Jezabel tudo o que Elias havia feito e como havia matado todos os profetas à espada.

Os profetas dos quais trata esse versículo são os profetas de Baal. Baal significa “senhor” e era um deus de origem semítica. Ele é o deus da tempestade. Ele era a divindade da chuva, dos relâmpagos (sua arma) e dos trovões (sua voz). A maioria das cidades do Crescente Fértil tinham suas versões locais do deus Baal, inclusive com nomes diferentes.

O nome original do deus Baal entre os diferentes povos e religiões no Antigo Testamento era Hadade e tem relação próxima com a expressão hebraica *hedad*, (**Jr 25.30** – rugir, gritar, jubilar). Ele ainda é denominado de Rimom (**2 Rs 5.18**). Na cultura mesopotâmica, Hadade era reverenciado como deus da chuva, mas temido como aquele que pode enviar tempestades que causam destruição e perdas de vidas. No Antigo Testamento o culto ao deus Baal também estava associado como deus Astarote (**Jz 2.13; 10.6**).

O fato é que “este deus”, Elias “enfrentou”, propondo um duelo com os profetas de Baal (**1 Reis 18.21-24**).

Foi Deus, o Senhor, que enviou o fogo, não Baal (**1 Rs 18.38**) e o resultado foi o extermínio dos profetas de Baal (**1 Rs 18.40**), o que resultou na ira de Jezabel contra Elias. Porém, vale observar que depois do fogo que consumiu o holocausto, Deus, o Senhor, ainda enviou chuva, para mostrar ao “deus da chuva”, que ele é o Senhor (**1 Rs 18.41-46**).

v.2: Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias para dizer-lhe: — Que os deuses me castiguem se amanhã a estas horas eu não tiver feito com a sua vida o mesmo que você fez com a vida de cada um deles!

As “novas” que Acabe falou a Jezabel não eram aquelas esperadas e isto a deve ter impactado bastante, mas não a ponto paralisá-la. Ela reage com fúria e envia mensageiros a Elias ameaçando-o de fazer o mesmo que foi feito com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal.

v. 3: Elias ficou com medo, levantou-se e, para salvar a vida, se foi e chegou a Berseba, que pertence a Judá. E ali ele deixou o seu servo.

É muito natural e “humana” a reação de Elias. A propósito, o apóstolo Tiago ressalta essa humanidade do profeta ao animar as pessoas à oração. “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou com fervor para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. Depois, orou de novo, e então o céu deu chuva, e a terra produziu os seus frutos” (**Tg 5.17,18**). Ele já estava com medo e entrou em pânico com essa ameaça. Assim, temendo por sua vida fugiu para o Reino do Sul, Berseba.

Como explicar todo esse pavor de Elias, considerando toda sua coragem ao enfrentar os profetas de Baal e por ter orado por chuva e Deus, o Senhor, ter feito chover? Além disso, é preciso lembrar que antes disso, Elias havia profetizado a Acabe, rei de Israel, que haveria grande seca, mas que ele seria poupado dela, através de uma torrente de água e sendo alimentado por corvos (**1 Rs 17.1-7**). Através do profeta, o Senhor ainda proveu comida à viúva de Sarepta e “da panela a farinha não acabou e da botija o azeite não faltou” (**1 Rs 17.8-16**). Como se fosse pouco, ainda orou pela ressurreição do filho da viúva e ele foi ressuscitado (**1 Rs 17.18-24**). O que aterrorizou a Elias?

Maier III (2019, p.1429-1431) apresenta algumas razões do medo de Elias e faz algumas considerações sobre a forma que o profeta compreendeu toda essa situação.

Primeiro, Elias pode ter criado a expectativa de que Deus, que já havia mostrado todo o seu poder, também providenciasse a reforma religiosa no Reino do Norte. Ele ansiava por uma profunda, imediata e mudança visível na religiosidade do povo de Deus.

Isto faz sentido, na medida em que ele propôs ao povo se posicionar depois do episódio do Monte Carmelo. “Depois, Elias se aproximou de todo o povo e disse: — Até quando vocês ficarão pulando de um lado para outro? Se o Senhor é Deus, sigam-no; se é Baal, sigam-no. Porém o povo não disse uma só palavra” (**1 Reis 18.21**)

Porém, na perspectiva de Elias esta reforma não ocorreu e Jezabel continuava firme no poder e influenciando na religiosidade do povo.

O segundo motivo do abatimento de Elias estaria relacionado à insegurança que Elias sentiu diante daquela situação. Elias foi aconselhado por Deus em outras ocasiões em como agir e o que fazer, mas, aqui, nessa situação não. Quando anunciou ao rei de Israel, Acabe, que haveria um período de seca, “[...] a palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: — Saia daqui, vá para o leste e esconda-se junto ao ribeiro de Querite, nas imediações do Jordão. Você beberá a água do ribeiro; e eu ordenei aos corvos que sustentem você naquele lugar” (**1 Reis 17.2-4**). Depois Deus disse a Elias a ir a Sarepta (**1**

Rs 17.8-9) e mais tarde falar com o rei Acabe (**18.1**). Depois ele confessa que tudo o que ele fez, foi segundo a palavra que recebera do Senhor (**1 Rs 18.36**).

Agora, nenhuma palavra, nenhum sinal, por isto, também fazem sentido a fuga de Elias e seu pânico diante dessa situação.

Uma possível terceira explicação para o pânico de Elias e sua fuga para o deserto, pode ter sido o fato de que Elias tivesse pensado que Acabe teria se convertido para a fé no Senhor Deus, logo após o episódio do Monte Carmelo. Entretanto, com a mensagem ameaçadora de Jezabel, Elias se deu conta que não e que a maldade continuava a imperar na casa real.

O fato é que o texto narrativo não nos fornece todas as informações que gostaríamos de ter, porém, pelo que sucede a esta parte da vida de Elias, que é o encontro do Senhor com ele na caverna no Monte Horebe (**1 Rs 19.9-18**), é possível “descobrir” as razões do desespero de Elias.

Em Horebe, não foi nem no vento forte e violento, nem no terremoto, nem no fogo, mas no “sussurrar de um sopro tênue”, que estava a ação reveladora e salvadora de Deus. Elias achou que estava sozinho, pois era isto que seus olhos enxergavam, mas Deus lhe disse que tem mais sete mil que não se dobraram a Baal (**1 Rs 19.18**).

Deus está presente, e ainda está presente, onde não se imagina que ele ainda estaria e onde nunca se imaginaria que ele estivesse, como na cruz de Jesus.

Assim, a teologia da cruz e da Palavra vem embutida nessa narrativa do Antigo Testamento.

v.4: Ele mesmo, porém, foi para o deserto, caminhando um dia inteiro. Por fim, sentou-se debaixo de um zimbro. Sentiu vontade de morrer e orou: — Basta, Senhor! Tira a minha vida, porque eu não sou melhor do que os meus pais.

Elias se refugiou no deserto e se sentou debaixo de um zimbro. Embora isso não esteja escrito, é possível que o profeta estivesse emocional e fisicamente exausto. É plausível imaginar que o sentimento de Elias era de profunda decepção e frustração, como se seu ministério profético não tivesse valido para nada.

A descrição desse texto parece ser contraditória. Elias fugiu do Reino do Norte para preservar a sua vida e agora ele deseja morrer. No argumento de Elias está o fato de que ele não “era melhor que seus pais”. Quem sabe houve uma avaliação equivocada do seu

ministério profético no Reino do Norte, não conseguindo evitar que muitos tenham apostatado da fé.

O apóstolo Paulo teve um desejo parecido. “Entretanto, se eu continuar vivendo, poderei ainda fazer algum trabalho frutífero. Assim, não sei o que devo escolher. Estou cercado pelos dois lados, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por causa de vocês, é mais necessário que eu continue a viver” (**Fp 1.22-24**). Paulo “se convenceu” que é melhor continuar vivendo, Elias foi convencido de que este também é o melhor, pois se ele estava certo de que era o “único profeta” que restava, como ele afirma em **1 Reis 19.10, 14**. Então, havia razões suficientes para continuar.

v.5: Deitou-se e dormiu debaixo de um zimbro. E eis que um anjo tocou nele e lhe disse: — Levante-se e coma.

Deus é sensível, compassivo e gracioso. Ele agora ministra para seu ministro. Para o profeta que estava dormindo, Deus envia um anjo para acordá-lo e mudar toda a narrativa, a vida e o ministério do profeta Elias.

v.6: Elias olhou e viu, perto da sua cabeça, um pão assado sobre pedras em brasa e um jarro de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir.

Elias levanta e se alimenta, mas provavelmente ainda desgastado emocional e fisicamente, ele volta a dormir.

v.7: O anjo do Senhor voltou, tocou nele e lhe disse: — Levante-se e coma, porque a viagem será longa.

O anjo repete a mesma ação e agora não só toca a Elias, como adiciona o motivo de se alimentar: a viagem é longa. Sem essa refeição, seria impossível completar a jornada e chegar ao destino proposto por Deus.

v.8: Então Elias se levantou, comeu e bebeu. E, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus.

Elias deve ter ficado sabendo através do anjo que o destino de sua viagem é o Monte Horebe. Cuidado por Deus, através do anjo, ele viveu na pele os milagres que ele viu na vida de outras pessoas. Ele caminhou, em princípio, pois a narrativa não fornece detalhes, **quarenta** dias e quarenta noites com aquelas duas vezes que se alimentou.

Sobre o número 40

O número “**quarenta**” chama a atenção. No dilúvio choveu quarenta dias e quarenta noites (**Gn 7.12**);

Moisés fugiu para o Egito com quarenta anos e ficou em Midiã por quarenta anos (**At 7.23-30**); Depois do Êxodo, os israelitas peregrinaram pelo deserto por quarenta anos (**Dt 1.3; At 7.36**).

Moisés esteve no Monte Sinai por quarenta dias e quarenta noites, sem pão e sem água (**Ex 24.18; Dt 9.9**). Ao descer do Sinai, ficou diante do Senhor por quarenta dias e quarenta noites, sem pão e sem água (**Dt 9.18,25**).

Mais tarde Moisés esteve de novo no Monte por quarenta dias e quarenta noites sem comer pão nem beber água (**Ex 34.28; Dt 10.10**).

Os espias foram à terra de Canaã e ficaram lá quarenta dias (**Nm 13.25**). Jonas anunciou que em quarenta dias Nínive seria destruída (**Jn 3.4**).

No deserto, Jesus jejuou por quarenta dias e quarenta noites (**Mt 4.1-11**). Depois da ressurreição, Cristo apareceu aos seus apóstolos durante um período de quarenta dias (**At 1.3-9**).

Segundo Maier III (2019, p.1439), este foi um período preparatório para situações futuras na vida de todos esses envolvidos. Por isto, o uso do número pode não ter sido apenas uma coincidência.

Por outro lado, creio particularmente que esse número pode de alguma forma conectar teologicamente todos esses indivíduos e situações, apontando para a unidade teológica da missão deles, com a missão última de Deus em salvar, através de Jesus Cristo.

Narrativa bíblica: verdades sobre Deus e sobre os seres humanos aplicadas a 1 Reis 19

Verdades num primeiro nível

Numa narrativa bíblica há **verdades** sobre Deus e **verdades** sobre as pessoas e a forma de Deus lidar com as pessoas. Deus trata a todos com misericórdia (Elias) e conduz a história de todos segundo seus propósitos salvadores. Exige exclusividade como fonte de confiança (embora haja exceções- **2 Rs 17.29-33**). As pessoas, por sua vez, vacilam em sua fé, não veem perspectivas em sua vida, precisam ser animadas e são acompanhadas por Deus. Estas, digamos, são as verdades num primeiro nível da narrativa.

Verdades num segundo nível

As verdades num segundo nível se referem a categorias teológicas que ajudam a manter a coerência bíblica/teológica e oferecem oportunidades para a aplicação prática de uma narrativa. Essa seleção da categoria não pode ser arbitrária, mas deve estar relacionada ao contexto do texto em análise. No caso de 1 Reis, havia uma “disputa” entre o SENHOR e outras fontes de confiança, especialmente o deus Baal. Nesse caso, a categoria teológica que pode ser explorada na pregação é o primeiro Mandamento, mas conectado à teologia da cruz, pois o texto nos conduz à verdade de que podemos continuar confiando mesmo que as evidências não ajudem mais a confiar, como foi o caso de Elias, já pode ter sido o nosso caso e é a situação de muitos irmãos nossos.

Catecismo Maior – algumas frases de Lutero na explicação do Primeiro Mandamento

“Ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração”;

“Aquilo, pois, que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus”

“Eis que existe um deus, *Mâmon*, isto é, dinheiro e bens, em que se põe o coração todo. Quem possui dinheiro e bens sabe-se em segurança, e é alegre e destemido como se estivesse assentado no meio do paraíso”.

“Por outro lado, quem nada possui, duvida e desespera, como se de nenhum Deus tivesse notícia”.

“Isto se gruda e adere à natureza até a sepultura”

Porém, “toma cuidado no sentido de apenas eu ser o teu Deus e de forma nenhuma procures outro. Isto é: o que te falta em matéria de coisas boas, espera-o de mim e procura-o junto a mim e se sofres desdita e angústia, arrasta-te para junto de mim e apegate comigo. EU, eu te quero dar o suficiente e livrar-te de todo aperto”

Teologia da cruz

Tentando ser sucinto, a Teologia da cruz usa como princípio de que Deus está presente e agindo onde nem se imagina que esteja, como foi na cruz de Jesus.

Depois de ter sido quebrada a conversação entre Deus e as criaturas, Deus continuou vindo às suas criaturas para manter o contato. Porém, a sua última palavra e pela qual fala, foi a cruz. Uma palavra que parece loucura e impotente, mas que expressa a sabedoria e o poder de Deus (**1 Co 1.18**).

Deus escolheu uma das mortes mais horrendas já inventadas pela imaginação humana, para trazer vida. Da cruz e do túmulo vazio emana a vida que vem de Jesus. Da descrição do apóstolo Paulo em **1 e 2 Coríntios**, Lutero desenvolveu a “teologia da cruz”, ou, quem sabe, “mais acuradamente da perspectiva paulina, uma *teologia da palavra e da cruz*” (ARAND, KOLB, 2008, p.146).

Ela propõe que na contradição do *poder na morte e da sabedoria na fraqueza*, Deus está presente para libertar as pessoas da condenação da lei, do poder do pecado e da morte.

Essa teologia torna possível reconhecer a Deus em meio à morte e ao desespero gerado por múltiplas situações existenciais. Ela permite preencher os vazios de nossa vida. Ela faz com que a gente se agarre em Deus e nas suas promessas, mesmo que tudo ao nosso redor possa estar nos contradizendo e tente contradizer o amor de Deus, revelado na cruz de Jesus.

3. As leituras do Domingo

No Salmo 34.1-8 Davi confessa louvando a Deus o que Elias não percebia: Deus o acolheu e seu anjo se acampou ao seu redor para cuidar dele e “da história”. O recorte sugerido na leitura do Salmo é que esses primeiros versículos (1-7, especialmente) se configuram como sendo palavras de louvor em função da libertação provida por Deus. Dos versículos 8 a 22, a função do salmo é mais didática no que diz respeito a assuntos do dia a dia, principiando com o temor a Deus e terminando com a confiança em Deus.

“Não faria mal” ler todo o Salmo no culto, entretanto, que a parte final, seja lida pelo ministro, uma vez que suas palavras têm como objetivo o ensino.

A epístola de **Efésios 4.17-5.2** apresenta uma série de recomendações de Deus para que se viva a nova vida em Cristo (Batismo), mas também de ter em Cristo um exemplo

(Cristo como dom, Cristo como exemplo – cf. Lutero, Obras Seleccionadas, V.10, p.459). Aqui pode haver uma relação com o contexto maior de 1 Reis (confiança em Jesus x “ vaidade dos seus próprios pensamentos”)

Uma questão especial na epístola

“Fiquem irados e não pequem. Não deixem que o sol se ponha sobre a ira de vocês” (Efésios 4.26). Esse versículo já me passou a impressão de que existiria uma “ira justificada” e que não fosse pecaminosa. Porém, ao olhar o contexto imediato posterior desse versículo, Paulo afirma “Que não haja no meio de vocês qualquer amargura, indignação, ira” (**Efésios 4.31**).

O apóstolo extrai essa ideia do **Salmo 4.4**: “Tremam de medo e não pequem; consultem no travesseiro o coração e sosseguem” e de **Deuteronômio 24.15**: “Pague-lhe o salário no mesmo dia, antes do pôr do sol, porque ele é pobre, e a vida dele depende disso; para que ele não clame ao Senhor contra você, e você seja culpado de pecado”

A primeira conclusão é de que o Salmo deve ser visto em sua totalidade e na perspectiva de se reconciliar antes de dormir. “Em paz me deito e logo pego no sono, porque só tu, Senhor, me fazes repousar seguro” (**Salmo 4.8**).

Assim, pode se dizer que não existe a tal da “ira justa”, pois a Escritura não apresenta evidências, mas afirma que a ira deve ser evitada, ou pelo menos controlada e quando ela ocorre, é uma violação da vontade de Deus (**Ef 4.31; Mt 5.22; Tg 1.19; 1 Tm 2.8; Tt 1.7**); “Teme a ira de Deus de tal forma que você possa lidar com a causa do pecado e da ira na comunidade cristã” (WINGER, 2015, p.522).

João 6.35-51: Deus alimentou Elias com pão e no Evangelho Jesus se oferece como alimento para satisfazer a necessidade corporal (multiplicação dos pães - ingredientes terrenos) e espiritual (crer nele – ingredientes espirituais e eternos) de todo o mundo e ser a fonte de vida e da esperança da ressurreição, como ocorreu com o filho da viúva de Serepta.

4. Sugestão homilética

Se eu fosse pregar sobre o texto de **1 Rs 19.1-8**, eu faria uma pregação expositiva (versículo por versículo), mas fazendo antes uma contextualização dos principais episódios

que houve na vida de Elias, especialmente o milagre da “multiplicação da comida”, a ressurreição do filho da viúva de Sarepta, o “duelo” com os profetas de Baal (o deus da chuva) e a oração de Elias (**cf. Tiago 5.17**). Essas histórias e exemplos, forneceriam as ilustrações para compartilhar a explicação de cada versículo.

Ao fazer a aplicação mais específica do texto, eu o colocaria dentro de duas categorias teológicas que o “prendem” à revelação completa da palavra de Deus.

A primeira, é a palavra inicial do Decálogo, ou o Primeiro Mandamento, que poderia ser explorado na explicação do Catecismo Maior de Lutero. Parece-me que o tema da idolatria é muito recorrente em 1 e 2 Reis e Lutero diz que este mal nos acompanha até a sepultura.

A segunda categoria, é a Teologia da cruz e da Palavra. Deus está presente, e ainda está presente, onde não se imagina que ele ainda estaria e onde nunca se imaginaria que ele estivesse, como na cruz de Jesus, como na vida da Igreja e de cada um dos crentes individualmente diante de tantas situações que nos fazem perder o gosto pela vida, pela missão e pelo próprio sentido de nossa existência.

Pastor Anselmo Ernesto Graff